

FERNANDO PESSOA E A POESIA AMAPAENSE: O HABITAR POÉTICO DO ESPAÇO

Carla Patrícia Ribeiro Nobre ¹
Jorlaine Monteiro Girão de Almeida ²
Tainara Cavalcante Pinto ³
Yurgel Pantoja Caldas (orientador) ⁴

RESUMO

Fernando Pessoa e a poesia amapaense: o habitar poético do espaço tem como objetivo geral compreender de que forma a poesia do português Fernando Pessoa, através do heterônimo Alberto Caeiro, e dos amapaenses Fernando Canto e Manoel Bispo Correa atravessam as metáforas e simbologias do habitar para referenciar o lugar onde vivem. Assim, apresentamos brevemente os poetas do estudo, conceituando o espaço com interface na literatura e analisando os poemas escolhidos. Como recorte, foram escolhidos poemas que estão nas obras *O Guardador de rebanhos* (Fernando Pessoa/Alberto Caeiro), *Intátil* (Manoel Bispo Correa) e *Os periquitos comem manga na avenida* (Fernando Canto). Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de análise literária e caráter imanente. Para considerar a influência do espaço na poesia dos autores, buscamos Massey (2008), Benchimol (1999), Eliade (1972) e Loureiro (1995). O estudo analisou os poemas, caracterizando as diferenças e os diálogos que eles possuem em relação ao espaço que referenciam, observando as metáforas que se aproximam e as incompletudes dos textos, que apontam para uma universalização do local. Dessa forma, o estudo é relevante ao permitir aproximar as poesias portuguesa e amapaense, apontando cruzamentos de um espaço existencial captado pelo eu lírico.

Palavras-chave: Fernando Pessoa. Fernando Canto. Manoel Bispo Correa. Espaço poético. Literatura amapaense.

INTRODUÇÃO

O objetivo geral deste trabalho é compreender de que forma as poesias do português Fernando Pessoa, através do heterônimo Alberto Caeiro, e dos amapaenses Fernando Canto e Manoel Bispo Correa atravessam as metáforas e as simbologias do habitar para referenciar o lugar onde vivem. Sabe-se que Alberto Caeiro traz a sua

¹ Mestranda do Curso de letras da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP, carlapoesia@hotmail.com;

² Mestranda em Letras (Estudos Literários) pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Professora de Língua Portuguesa do Curso de Letras e dos Cursos Técnicos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá. E-mail: jorlaine.almeida@ifap.edu.br;

³ Graduanda do Curso de Letras da Universidade Estadual do Amapá – UEAP, tainaracavalcantepinto@outlook.com;

⁴ Doutor em Literatura comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Professor da Universidade Federal do Amapá, Programa de Pós-graduação Mestrado em Letras (PPGLET) da UNIFAP. E-mail: yurgel@uol.com.br;

experiência lírica de rebanhos e a natureza para refletir sobre a vida e a sociedade. Assim fazem também os poetas amapaenses Fernando Canto e Manoel Bispo Correa, escolhidos para essa análise, mas apontando para a vida ribeirinha.

Para atingir o objetivo, faz-se necessária uma reflexão sobre o espaço da literatura amazônica – lugar de fala da literatura amapaense, apresentando-se um breve perfil da poética de Caeiro e analisando-se os poemas escolhidos, levando-se em conta a construção poética do espaço presente nos mesmos e como o eu lírico se apresenta. Como recorte, foram escolhidos poemas das obras *O Guardador de rebanhos* (Caeiro, 2019), *Intátil* (Correa, 2002) e *Os periquitos comem manga na avenida* (Canto, s/d).

O tema tem sua relevância ao permitir espécies de aproximações entre as poesias portuguesa e amapaense, apontando cruzamentos de um espaço existencial captado pelo eu lírico dos poemas. A importância dessa abordagem também se dá por revelar a existência de um espaço local, mas com interface universal.

Dessa forma, o tema nasce do interesse em analisar a poesia pelo viés do espaço que ela apresenta, sendo que a escolha dos três autores se dá pelo encontro poético de temáticas e pela apresentação permanente do espaço nos poemas analisados.

1. O ESPAÇO POÉTICO DA AMAZÔNIA : o lugar da poesia amapaense

O espaço geográfico do Estado do Amapá compõe a Amazônia Legal e sua população é composta por uma rica diversidade de povos tradicionais, indígenas e a população em geral.

Em torno dos povos indígenas e das populações tradicionais que habitam a Amazônia, criam-se comunidades, lugarejos e vilas cercados de uma vida ribeirinha, mesmo circunscritos em área urbana, onde os habitantes são transeuntes que viajam e dialogam com os viajantes. Sobre isso, Benchimol (1999) faz uma lista de 27 contribuições da herança cultural indígena-cabocla que ele considera relevante destacar, em que o espaço e suas formas de ocupação fundamenta e organiza a vida na floresta. O pesquisador afirma que

... o seu ciclo de vida [da população cabocla] se adaptava às peculiaridades regionais, dela retirando os recursos materiais de subsistência e as fontes de inspiração do seu imaginário de mitos, lendas e crenças. Especiarias, drogas do sertão, ervas medicinais, madeiras, óleos, essências, frutos, animais, pássaros, bichos de casco e peixes constituíram um mundo novo e exótico que exacerbava a cobiça do colonizador e excitava o paladar dos novos senhores.

No fundo desse quadro, centenas de nações e etnias indígenas, divididas pelas falas, linguagens e rivalidades. (Ibid., p. 296).

Além de revelar que a Amazônia possui povos tradicionais que vivem na floresta e, com ela, mantém uma relação de pertencimento e identidade, a afirmação acima aponta para as relações que são construídas e para quem as constrói: são catadores de castanha, ribeirinhos, pescadores, extrativistas, parteiras, quilombolas etc., mas também colonizadores e senhores, hoje também latifundiários. Isso configura um espaço que busca se reordenar a todo instante em face dessas relações, sempre conflituosas, mas também mostra um espaço que é vivenciado por todos.

Nesse espaço, com a influência de várias culturas, formam-se os elementos visuais e corpóreos da realidade externa e da paisagem, mas também surge a visão de mundo dessas populações, com seus mitos, credences e valores, muitos dos quais originados na cultura indígena que adentram temas das mais variadas ordens, possibilitando um olhar que nasce no local e atinge uma dimensão universal, pois

Os mitos, efetivamente, narram não apenas a origem do Mundo, dos animais, das plantas e do homem, mas também de todos os acontecimentos primordiais em consequência dos quais o homem se converteu no que é hoje — um ser mortal, sexuado, organizado em sociedade, obrigado a trabalhar para viver, e trabalhando de acordo com determinadas regras. Se o Mundo existe, se o homem existe, é porque os Entes Sobrenaturais desenvolveram uma atitude criadora no "princípio". [...] (ELIADE, 1972, p. 13)

Esse universo onírico e mítico está presente na floresta, onde rodas de pessoas oralizando os ensinamentos dos seus antepassados são vividas ainda hoje pelas populações tradicionais da Amazônia. Neste sentido, Loureiro (1995) afirma que a poesia e o mito assumem o papel histórico complementar de memória estética dos homens, o que contribui para situar o presente em relação ao passado e reorganizar o futuro, esclarecendo que

O poético e o mítico sempre apresentaram constantes afinidades. Algumas vezes parecem imagens de espelhos paralelos. O mito, muitas vezes, expressa a poética das coletividades humanas, ao relatar sua história idealizada. O poético, por seu lado, mitifica as palavras e os sentimentos, no ato de torná-los poetizados. Mítico e poético são produtos de um imaginário estetizante e, no entanto, apresentam-se como verdades aparentes ou formas de verdade, legitimadas pelo livre jogo entre a imaginação e o entendimento... (Ibid., p. 66)

Ao focar esse poder estetizante e nomeador dos mitos e do poético, Loureiro (*Ibid.*) afirma que o mundo real não se faz somente por dados estatísticos e acontecimentos históricos, mas também se constrói nas subjetividades humanas e se recria em suas experiências empíricas. Portanto, os números grandiosos e reais da Amazônia são trespassados pelo universo mítico que ela nomeia e recria incessantemente.

Essas experiências são vividas em espaços diversos. No caso da Amazônia, esse espaço traduz um imaginário onde a mitologia indígena ocupa lugar central, como uma narrativa fundante de realidades e construindo um lugar de importância, ao condensar experiências cotidianas e criar, por exemplo, vultos e explicações para as vivências das pessoas que moram naquele espaço.

As metáforas que se estabelecem a partir do espaço amazônico, plural e diverso, nascem da relação entre as pessoas e as simbologias ricas e diversas da Amazônia – região que atrai para si lendas, mitos, personagens, perigos, rivalidades e contemplações que são constantemente revisitados pelos escritores, pois

A Amazônia é percebida por quem a contempla, como uma grandeza pura: é grande, é enorme, é terra-do-sem-fim. Sua concepção está associada a outros qualificativos: rica, incomparável, bela, misteriosa, inferno, paraíso. Algo que, embora próximo, está distante, como um outro mundo. *Lócus* do devaneio, cujas medidas físicas desaparecem e cujos contornos se tornam sfumatos, **graças a um livre pacto entre imaginário e realidade** (LOUREIRO, 1995, p. 95, *grifo nosso*).

Quando Loureiro (*Ibid.*) aponta esse livre pacto entre imaginário e realidade, é possível inferir um elo tênue entre as pessoas e a floresta, que cria e recria experiências e discursos ao longo dos acontecimentos. Ser povo da floresta encerra, pois, um modo de vida que carrega uma visão única de mundo.

Mas então, qual é o local da população amazônica e como ela preenche esse espaço? Tomando por referência as populações tradicionais que habitam o espaço amazônico, não se pode negar a influência indígena e os seus múltiplos olhares, que formam um caleidoscópio de conceitos e discursos. Entre eles, é marcante a presença mítica, que chega impregnada de sentido e da realidade circundante, pois

Há, no mundo amazônico, a produção de uma verdadeira teogonia cotidiana. Revelando uma afetividade cósmica, o homem promove a conversão estetizante da realidade em signos, através dos labores do dia-a-dia, do diálogo com as marés, do companheirismo com as estrelas, da solidariedade dos ventos

que impulsionam as velas, da paciente amizade dos rios [...] (LOUREIRO, *Ibid.*, p. 63)

Nesse discurso, tem-se traçado signos que apresentam uma Amazônia múltipla, pois incontáveis são os olhares de quem interage com esse espaço, em tons telúricos e respeitosos, mas também em tons de denúncia e exploração, já que

O que também se percebe no tipo de convivência histórica do homem com a Amazônia, é que diante da presença mais do que real de rios e floresta, mesmo mantendo com floresta e os rios tão estreita relação de vida e trabalho, a dimensão do cotidiano comportou sempre a leveza do etéreo, a sutileza de encontrar maravilha nas coisas. Isso vem permitindo à vida cultural amazônica a incorporação sutil e constante do sentido da imensidão única, misteriosa e auratizadora e, ao mesmo tempo, ricamente significativa, numa relação estetizada tão dominante, que muitas vezes se converte numa ética de relações sociais. Uma ética que decorre da sensibilidade das vivências comuns ou pulsações de co-existência, reflexo da penetrante presença do imaginário com função estético-poetizante no cotidiano da vida social. (LOUREIRO. *Op. cit.*, p. 99)

Sobre esse espaço amazônico, solo fértil para a poesia, vamos considerar o que apresenta Massey (2008), que traz o espaço a partir de um olhar para a narrativa, pois os poemas que abordam a natureza necessitam desse olhar paisagístico e exterior. Para a autora, o espaço pode ser concebido em três proposições : na primeira, reconhece-se o espaço como produto de inter-relações ; na segunda, o espaço é a esfera onde coexistem trajetórias distintas ; e na terceira proposição, o espaço é um lugar em permanente construção. Isso é fundamental para compreender o espaço amazônico, considerando a sua pluralidade de populações e as visões de mundo que se constroem a partir das interações estabelecidas. A mesma autora afirma que o espaço “[...] Jamais está acabado, nunca está fechado. Talvez pudéssemos imaginar o espaço como uma simultaneidade de histórias-até-agora” (*Ibid.*, p.15).

Massey (*Ibid.*) nos ajuda a pensar no espaço amazônico como um espaço de permanente diálogo e interações, em que espaço e tempo se combinam e se alteram mutuamente, ressignificando inclusive o modo de vida das populações.

Considerando a afirmativa de Benchimol (1999), de que índios e caboclos da Amazônia retiravam dela (e retiram ainda hoje) tudo o que precisam para viver, podemos inferir que essa interação com a própria floresta traduz também uma espécie de atuação sobre ela e com ela, na qual ser humano e natureza se modificam e alteram suas próprias identidades e modos de vida. A floresta não aparece, pois, estática e inerte esperando a

ação humana, mas ela também conduz as festas, as cobiças, as vestimentas, os adornos e os modos de vida de seus habitantes.

2. O ENCONTRO DAS POESIAS PORTUGUESA E AMAPAENSE

Alberto Caeiro é um heterônimo criado pelo poeta português Fernando Pessoa. O nascimento desse heterônimo marcou de forma profunda a criação literária de Pessoa. Na biografia traçada pelo autor, Caeiro é louro sem cor, com olhos azuis, nascido em Lisboa, em 16 de abril de 1889 e falecido em 1915, por ocasião de uma tuberculose, na mesma cidade.

Caeiro apresenta uma poesia voltada para uma filosofia de vida, como se nota no poema “I - Eu Nunca Guardei Rebanhos” da obra *O guardador de rebanhos* (2020, p. 1):

1. Eu nunca guardei rebanhos,
2. Mas é como se os guardasse.
3. Minha alma é como um pastor,
4. Conhece o vento e o sol
5. E anda pela mão das Estações
6. A seguir e a olhar.

[...]

O início da primeira estrofe do poema pode ser lido como uma biografia do eu lírico de Caeiro, que afirma seu compromisso em seguir a vida que leva, apenas observando as coisas, sem perder tempo pensando sobre elas, como expressa no verso 6. Já no verso 4, o eu-lirico demonstra que conhece sua matéria-prima e que é dela que vem sua inspiração.

É dessa forma que se organiza o espaço poético cantado por Caeiro, criando uma geografia metafísica, numa paisagem que, por ser apenas existente e insistente, cria uma voz poética que reconhece seu lugar, a partir do qual explora sua compreensão sobre o universo e sobre os problemas que o cercam.

Caeiro (2019, p. 1) afirma "Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...". Com essa visão de mundo, ele explora o seu espaço e se apropria daquilo que lhe parece próximo e natural, refletindo sobre a vida e sobre o mundo, como, aliás, fazem todos os grandes poetas.

Traçar o encontro (e também o desencontro) das poesias portuguesa e amapaense é uma tarefa que requer reflexão sobre o espaço pelo qual elas passeiam através do eu lírico. Comumente, o espaço é mais apontado no gênero narrativo, mas os poetas de nossa análise abrem caminhos para considerar a presença do espaço como elemento fundamental de suas criações.

Nos versos dos poemas abaixo, verificam-se, nos três poetas, a simbiose do eu lírico com o espaço e a influência deste na construção da identidade:

No poema “XXII - Num Dia de Verão” da obra *O guardador de rebanhos*, de Caeiro (2019, p. 14), lê-se:

Como quem num dia de Verão abre a porta de casa
E espreita para o calor dos campos com a cara toda,
Às vezes, de repente, bate-me a Natureza de chapa
Na cara dos meus sentidos,
E eu fico confuso, perturbado, querendo perceber
Não sei bem como nem o quê...

Nos versos em destaque, observa-se como a natureza é o instrumento que permite ao eu lírico pensar e refletir. É a visão do espaço geográfico que torna possível compreender o mundo.

No poema “Identidade”, da obra *Intátil*, de Corrêa (2002, p. 33, *grifo nosso*), as palavras ou expressões em destaque apresentam um eu lírico que destaca esse mesmo sentimento e aponta a Amazônia expressada nos versos:

Sou do tamanho do instante
Movido a ventos, revés e ousadias
Viajo nos interlúdios de um ritual
Próprio de quem se investiga pacientemente
No afã de aclarar-se na **manhã**

Também notamos a construção do ser, no qual o eu lírico percebe a vida como um processo longo, em que a identidade não é algo sólido e acabado, mas uma espécie de ritual pausado, no qual encontramos diversas informações novas, que remodelam os pensamentos constantemente, precisando ser reorganizados e aclarados pela manhã – momento que representa calma, paz e contato maior com a natureza. A simbiose natureza/ser humano se torna mais evidente no segundo verso de Corrêa, quando

menciona ser movido pelo vento, figura que representa a liberdade da alma e o poder de correr para onde quiser, inclusive o de voltar para onde se estava.

Já no poema “Igual ao barco”, da obra *Os periquitos comem manga na avenida*, de Canto (s/d, p. 31, grifo nosso), vê-se a influência da Amazônia e o sentimento de pensar o mundo através de sua visão da realidade, não bastando para isso ser meramente humano, mas um sujeito que se identifica com um dos instrumentos mais significativos das águas amazônicas: o barco.

Igual ao barco
Tenho leme e a vela – o substrato
[...]
Tenho no entreposto da alma
A vigília das feridas
E o tempo das cicatrizes
[...]
E uma pequenina flor
Nascida dos sapatos

Esses três fragmentos apresentam ainda a construção da identidade do eu lírico, pautada nos versos que Caeiro (2019, p. 15, grifo nosso) canta: a Natureza (com N maiúsculo) é quem revela e dialoga sobre o mundo, é ela que tem a chave da compreensão e fornece elementos para compreender e questionar a vida. Assim, a expressão do poeta português (“de repente”) destaca que o eu lírico é tomado de um sentimento de epifania diante da sua realidade.

Nota-se ainda, nos três poemas, a presença de um sentimento interior, de caráter investigativo e reflexivo, considerando que “... o espaço é uma dimensão implícita que molda nossas cosmologias estruturantes...” (Massey. *Op. Cit.*, p. 8). Em Caeiro, o eu lírico apresenta essa reflexão no trecho: “querendo perceber”. Já em Correa (2002, p. 33, grifo nosso) **“Viajo nos interlúdios de um ritual/ Próprio de quem se investiga pacientemente/ No afã de aclarar-se na manhã”**. Nestes versos, o eu lírico reflete e questiona a vida através da musicalidade do amanhecer. É a natureza que desperta nele essas reflexões para a compreensão de sua identidade. E Canto afirma estar em vigília. Assim, os três se mostram inquietos, vigilantes e à espera de algo que somente a natureza pode oferecer como resposta.

A cultura amazônica é, assim, fruto da formação de uma complexa identidade miscigenada, repleta de lendas, rica em cenários, na qual conflitos históricos marcam o tempo. Vemos em Corrêa (2002) a culinária marcada fortemente, assim como as lendas

do local que são ressaltadas e misturadas na identidade do eu lírico, como nos versos de “Caminho das águas” (Ibid, p. 21):

Água do rio, tucunaré, linha de pescar, hora de pegar
fruta-pão no pé, araticum, bacuri, cajá, maré-maresia,
lua e aluá, eu, boto, virando moço para te namorar

Água de regar manjeriço, samambaia, pé de mucura-caá,
profundezas do Rio-mar, transparência de se afogar,
vertigem de salvar o sonho perdido feito bicho em extinção.

Água de cheiro, bênça mãe, bênça pai, vou correr mundo,
Maria sem sair do matagal, volto quando der vontade
de deitar na tua rede esquentar nossa paixão.

O modo como Corrêa (*Ibid*) traz a cultura ribeirinha, no primeiro verso, transporta o leitor para visualizar a região amazônica e seus componentes, que integram a identidade cultural do eu lírico. É um poema que traz o conhecimento local para poder contemplá-lo por completo, tal como mostra o verso em que o eu lírico fala sobre boto e expõe seu amor por Maria, trazendo à baila uma lenda muito conhecida pelos nortistas, na qual o boto sai do rio e vai para a cidade namorar as moças solteiras.

Já no segundo verso, percebemos os sonhos que habitam na alma do eu poético, que precisam ser salvos a todo custo, tal como acontece quando um bicho entra nas estatísticas de extinção e precisa ser reproduzido na floresta. Nesse momento, no texto, usam-se as metáforas que o eu lírico consegue dizer quem é e expressar a vontade de ir além da mata, como bem mostra o terceiro verso, em que o sujeito se despede dos pais pedindo a “bênça” a fim de obter uma viagem segura e deixando Maria, sua amada, para trás, para poder percorrer o mundo, sobrando apenas a possibilidade de voltar, se a saudade bater.

A cultura amazônica também aparece marcada nos versos de “Ferroada”, de Canto (s/d, p. 81):

Não foi boto saliente
De chapéu “panamá”
Nem rasteira à capoeira
Nas bandas deste lugar

Foi ferrada, ferroada
De caba, de homem do mar
Foi ferro, rabo de arraia
Foi enchente, preamar

[...]

Dessa forma, o lugar é o local privilegiado dos acontecimentos poéticos, espaço da descoberta do eu, sendo, a partir daí, além do que os olhos de cada um vê, um lugar único e humano. Nos versos abaixo, de Caiero (2020, p. 24), é possível desvendar esse segredo do universal e do local :

Sou o Descobridor da Natureza.
Sou o Argonauta das sensações verdadeiras.
Trago ao Universo um novo Universo
Porque trago ao Universo ele-próprio.

Assim, os três poetas desse estudo, cada um a seu modo, trazem o lugar e a visão de mundo de um eu lírico para pensar o local e a presença humana nele. Nesse sentido, as mitologias da natureza se confundem com o eu interior de quem habita o espaço vivido. O pertencimento e o deslocamento são condições inevitáveis e necessárias. Por isso, Caiero (*Ibid.*, p. 22) considera que “... Passa, ave, passa, e ensina-me a passar!”; Canto (s/d, p. 23) ratifica nos versos que “Só se aprende o mundo/ se se sai do fundo/ Só se sai do fundo/ se se aprende o mundo...” e Correa completa: “... Tenho raízes profundas e tenho asas...” (2002, p. 33).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das poesias do português Fernando Pessoa, através do heterônimo Alberto Caiero, e dos amapaenses Fernando Canto e Manoel Bispo Correa possibilitou uma compreensão sobre as metáforas e as simbologias do espaço representado em suas respectivas poéticas. Alberto Caiero, em sua lírica, alegoriza os rebanhos e a natureza para ponderar sobre a vida e a sociedade. Os poetas amapaenses Fernando Canto e Manoel Bispo Correa também o fazem, no entanto, suas obras apontam para a reflexão sobre a vida ribeirinha.

Apesar de ressaltar a condição ribeirinha, as obras dos autores amapaenses não a restringem. Esse modo de vida representa a coletividade através do individual, por meio de problematizações que também refletem o universal, mas com nuances que exprimem as peculiaridades da região amazônica. Assim, as reflexões sobre identidade e sociedade,

influenciadas pelo espaço, são comuns aos três autores, sendo que o que os difere são as particularidades espaciais e o estilo, que seria outra temática.

A análise possibilitou verificar os cruzamentos de um espaço físico e psicológico, regional e universal, nas obras: *O Guardador de rebanhos* (Caeiro, 2019), *Intátil* (Correa, 2002) e *Os periquitos comem manga na avenida* (Canto, s/d), aproximando as poesias portuguesa e amapaense, apontando cruzamentos de um espaço existencial captado pelo eu lírico dos poemas.

Por fim, o trabalho se mostra relevante na medida em que estuda duas poéticas de identidades espaciais diferentes, mas que também se cruzam, dialogando sobre o mundo e a sociedade, através da observação lírica diante da Natureza, sempre com letra maiúscula, como apresentou o próprio Alberto Caeiro.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia formação social e cultural*. Manaus: Valer, 1999.

CAEIRO, Alberto. *O guardador de rebanhos*. Domínio Público, Biblioteca digital desenvolvida em software livre. Link: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&coobra=15723. Acesso em 19 jul. 2020.

CANTO, Fernando. *Os periquitos comem manga na avenida*. Macapá: [S.n.: s.d.].

CORREA, Manoel Bispo. *Intátil*. Macapá: Imprensa Oficial, 2002.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura amazônica: uma poética do imaginário*. Belém: Cejup, 1995.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Tradução: Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.